

OBSERVAÇÕES, INTERAÇÕES E ESCUTAS SENSÍVEIS: DO PLANEJAMENTO AO PROTAGONISMO INFANTIL

Caio Matheus Fonseca Paes ¹
Giovanna Bispo de Menezes ²
Maysa dos Santos Gomes ³
Mayumi Machado Pitilin ⁴
Luciene Cléa da Silva ⁵

Eixo 2 - Desenvolvimento local da formação docente

Resumo: Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o planejamento e suas implicações no cotidiano educativo e em algumas vivências do Projeto de extensão “Histórias, brincadeiras e narrativas infantis”, desenvolvido na Brinquedoteca Aberta da UFMS, na cidade Universitária. Também busca discutir sobre a intencionalidade do ato de planejar e a sua necessária flexibilidade, considerando, especialmente, o desenvolvimento do mesmo em ações que envolvem crianças. Partindo deste contexto, apresentamos algumas ações realizadas no 2º semestre de 2024, com crianças de 2 a 4 anos. Destacamos interações e narrativas infantis que reforçam a importância do planejar no diálogo com características essenciais ao planejamento, destacadas por Libâneo (2017) e adotando a concepção de “planejamento por tema”, respaldada por Ostetto (2000). Buscamos desenvolver uma observação atenta às interações com as crianças, diante do que fora planejado e uma escuta sensível às narrativas, refletindo sobre a necessidade de um planejamento flexível, realizando ajustes nas propostas de acordo com os anseios e potencialidades das crianças. Sendo assim, destacamos que é fundamental que o educador adote medidas reflexivas e investigativas que implementem as adaptações no planejamento, pois essa flexibilidade potencializa o protagonismo infantil, auxilia no desenvolvimento integral e proporciona uma aprendizagem mais significativa.

Palavras-chave: Planejamento; Flexibilidade; Protagonismo; Infância.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o planejamento e suas implicações no cotidiano educativo e em algumas vivências do Projeto de extensão “Histórias, brincadeiras e narrativas infantis”, desenvolvido na Brinquedoteca Aberta da UFMS, na cidade Universitária, em Campo Grande. Busca também discutir sobre a intencionalidade do ato de planejar e sobre a sua necessária flexibilidade, considerando, especialmente, o desenvolvimento do mesmo em ações que envolvem crianças.

O planejamento é uma forma de organização, que coordena as ações de determinados locais, considerando as questões que estão dentro desse ambiente,

¹ Acadêmico do curso de Pedagogia/Faed, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

² Acadêmica do curso de Pedagogia/Faed, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

³ Acadêmica do curso de Pedagogia/Faed, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

⁴ Acadêmica do curso de Pedagogia/Faed, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

⁵ Professora Adjunta do curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Coordenadora do projeto: Histórias, brincadeiras e narrativas infantis. Participante do Grupo de Pesquisa Educação e Processo Civilizador.

juntamente com os fatores políticos, sociais, culturais que estão externamente presentes, sendo passível de ser utilizado em contextos escolares ou até mesmo não escolares, com o objetivo de alinhar os acontecimentos que serão ampliados no cotidiano de instituições conectadas ao ensino e à aprendizagem. É importante considerar que o planejamento não pode ser reduzido a somente um documento burocrático, pois:

A ação de planejar, portanto, não se reduz ao simples preenchimento de formulários para controle administrativo; é, antes, a atividade consciente de previsão das ações docentes, fundamentadas em opções político-pedagógicas, e tendo como referência permanente as situações didáticas concretas [...] (Libâneo, 2017, p. 237).

Libâneo (2017) nos ensina que o planejamento escolar é uma atividade que orienta a tomada de decisões do professor e da escola, diante das situações de ensino e aprendizagem. Desta forma, ao posicionar-se diante da elaboração de um planejamento, é importante considerar aspectos como: a intencionalidade, ou seja, o que será proposto, para quem, em qual contexto, por quanto tempo, de que forma o mesmo poderá ser desenvolvido e como será o acompanhamento deste processo. É preciso pensar também em uma ordem sequencial do que compõe o planejamento, apresentando uma sequência progressiva dos temas/conteúdos/ações para assegurar uma continuidade lógica e coerente das interações e aprendizagens.

Outro aspecto importante é a objetividade, marcada pela descrição de objetivos que precisam ser alcançados ao final de determinada ação, reforçando a ideia de que teoria e prática sejam efetivadas de forma imbricada, coesa e significativa. Por fim, e não menos importante, ressaltamos a necessidade de considerar a flexibilidade, pois o planejamento não pode ser rígido, inflexível e sem possibilidade alguma de adaptações, ele precisa se articular aos condicionantes do meio, dos grupos, das interações e particularidades que cada ação propõe.

No que tange aos tipos de planejamentos, Ostetto (2000) destaca que podem ser elaborados como um Planejamento baseado em listagem de atividades, Planejamento baseado em datas comemorativas, Planejamento baseado em aspectos do desenvolvimento, Planejamento baseado em temas e Planejamento baseado em conteúdos organizados por áreas do conhecimento.

Ainda segundo a autora, no Planejamento baseado em listagem de atividades a intencionalidade pode se perder, pois o professor apenas segue uma lista de atividades que devem ser feitas pelas crianças no dia a dia, assim Ostetto (2000, p. 180) afirma que “Esse tipo de planejamento é rudimentar, pois não vem embasado em qualquer princípio educativo explícito”. Surge então, uma questão: Um planejamento sem intencionalidade pedagógica, limitado apenas a uma lista de atividades, impacta tanto o educador quanto o educando? A intencionalidade é fundamental para que o professor adote uma postura reflexiva. É preciso que ele esteja disposto a conhecer as crianças, compreendendo suas inquietações, potencialidade e necessidades. Assim, ele poderá entender o que a criança precisa aprender, como despertar seu interesse por determinado conhecimento e qual ferramenta pedagógica pode ser utilizada para alcançar tal objetivo. Conforme Ostetto (2000, p. 177), “A intencionalidade traduz-se no traçar, programar e documentar a proposta de trabalho do educador.”

O Planejamento baseado em datas comemorativas é organizado de acordo com o calendário, não sendo eficiente quando se trata em oferecer novas possibilidades, vivências e ampliação crítica para aquele que aprende, pois nesse modelo as datas são utilizadas uma após a outra, sem ter tempo de aprofundamento, a autora explica que “Também aqui são listadas várias atividades, só que estas se referem a uma data

específica, a uma comemoração escolhida pelo calendário” (Ostetto, 2000, p. 181). Sendo assim, essa forma de planejar acaba por não se diferenciar muito da anterior.

Como o próprio nome sugere, o Planejamento baseado em aspectos do desenvolvimento tem como objetivo promover o desenvolvimento infantil. No entanto, ao se apoiar em conceitos universais, esse modelo desconsidera a diversidade sociocultural de cada criança, pois “Essa perspectiva de planejamento, se, por um lado, parece considerar particularidades do desenvolvimento infantil, acaba por secundarizar ou mesmo desconsiderar questões relacionadas à construção do conhecimento, à aprendizagem” (Ostetto, 2000, p. 184).

Planejamento baseado em temas é quando um “tema” escolhido pelo professor ou originado de situações significativas para as crianças se torna a base para as atividades que serão trabalhadas pelo grupo. Diante disso, é notável que “No trabalho organizado com base em “temas”, pode-se visualizar a preocupação com o interesse da criança, colocando-se em foco suas necessidades e perguntas” (Ostetto, 2000, p. 185). Para que a criança tenha participação ativa no processo, é preciso que o educador tenha preocupação em ouvir e compreender as crianças, dando abertura para que elas participem do planejamento. Caso contrário, os “temas” serão escolhidos de forma aleatória, sem intencionalidade, falhando em proporcionar um ambiente onde as inquietações dos educandos são relevantes.

Já o Planejamento baseado em conteúdos organizados por áreas do conhecimento é elaborado com o propósito de abordar os conteúdos acumulados historicamente pela sociedade. “O canal de articulação é aqui o conhecimento socialmente produzido e historicamente acumulado pela humanidade” (Ostetto, 2000, p. 188)

Diante dos aspectos observados, a elaboração de um planejamento coeso é uma tarefa complexa, mas não deve ser meramente burocrática, pois “A questão não é a forma, mas os princípios que sustentam uma ou outra organização” (Ostetto, 2000, p. 178). É preciso que o professor tenha um olhar atento para que o planejamento não seja restritivo, mas sim um meio facilitador, flexível e intencional.

Vivenciando e compreendendo o planejamento: experiências na Brinquedoteca

A valorização de um planejamento construído a partir do diálogo com Libâneo (2017), ao considerar a flexibilidade, juntamente com um dos tipos de planejamento descritos por Ostetto (2000), como o planejamento por “tema”, conduziu nossas práticas no Projeto de extensão “Histórias, brincadeiras e narrativas infantis”, que tem como objetivo levar a literatura infantil, brincadeiras e interações lúdicas, além de registrar as narrativas infantis e demais ações que acontecem semanalmente na Brinquedoteca Aberta da UFMS.

O projeto de extensão acontece na Brinquedoteca desde de 2021, com momentos de contação de histórias e brincadeiras para crianças de 2 a 10 anos. Entretanto, para esta discussão, faremos o recorte das ações que têm acontecido com as crianças de 2 a 4 anos, em um encontro semanal, que dura, aproximadamente, uma hora. Todo encontro é antecedido por estudos, discussões, reflexões e planejamentos, o quais se mostram flexíveis especialmente a partir do momento em que as crianças são observadas atentamente e ouvidas de forma sensível, e seus anseios, desejos e particularidades são considerados como elementos essenciais para compor o planejamento.

As vivências ali ocorridas vão além da distração ou da simples leitura de um livro de literatura infantil, apresentam um significado especial ao possibilitar que as crianças interajam com o narrado, questionem e se posicionem, pois mesmo bem pequenas, elas evidenciam gostar ou não da história, fazem inferências com outras

experiências e repertórios já conhecidos e também se sentem à vontade para evidenciar a sua concepção de mundo, aspectos de sua cultura e a complexidade e riqueza de um ser humano em pleno desenvolvimento, pois o contato com a literatura expande

[...] a capacidade de fazer com que a criança visualize de forma transparente as histórias contadas, e que assim, entendam de forma mais ampla e clara o mundo, os sentimentos, medos e temores que sentem. A literatura atuará na construção da concepção que a criança tem do mundo, do outro e de si própria (Almeida *et al.*, 2017, p. 320).

Além das muitas possibilidades de deleite, fruição, ampliação de repertórios, criatividade, aprendizagens, interação social, emocional, cognitiva, dentre tantos outros aspectos que o contato com a literatura possibilita, o fato de o caráter lúdico também se fazer presente nas ações do projeto de extensão, potencializa ainda mais as relações e ações desenvolvidas, visto que as brincadeiras também se configuram como um pilar importantíssimo quando tratamos de desenvolvimento infantil integral. O brincar é essencial ao desenvolvimento da criança, é um direito seu, algo tão necessário como se alimentar, dormir, aprender e ser cuidada.

A criança brinca porque brincar é uma necessidade básica, assim como a nutrição, a saúde, a habitação e a educação são vitais para o desenvolvimento do potencial infantil. Para manter o equilíbrio com o mundo, a criança necessita brincar, jogar, criar e inventar (Dallabona; Mendes, 2004, p. 110).

Sendo assim, compreende-se que o brincar não é apenas uma forma de lazer, ele carrega uma bagagem essencial para o desenvolvimento cognitivo e socioemocional da criança, proporcionando a projeção de suas imaginações em diferentes cenários, assim ampliando a compreensão que elas têm do mundo, de maneira espontânea, criativa e repleta de autonomia.

Desta forma, as ações desenvolvidas no projeto de extensão partem deste cuidado em oportunizar momentos de contação de histórias, brincadeiras, interações e muitas aprendizagens entre as crianças e seus pares e entre as crianças e os acadêmicos que fazem parte do mesmo, pois diante do processo formativo em que se encontram torna-se essencial articular teoria e prática nas reflexões promovidas durante os encontros com as crianças e o constante processo de elaboração-desenvolvimento-reflexão-reelaboração dos planejamentos.

Além disso, os registros das narrativas e interações que acontecem na Brinquedoteca são essenciais para ajudar na revisão das práticas ocorridas e daquilo que as crianças têm vivido a partir das experiências proporcionadas. Suas narrativas permitem reflexões acerca dos objetivos que foram propostos e servem de auxílio para as próximas elaborações dos planejamentos, possibilitando assim um

[...] novo olhar, construído por meio da reflexão sobre o conteúdo do registro, irá “alimentar” o planejamento, pois as propostas desenvolvidas com as crianças e as hipóteses levantadas por elas, além das dúvidas surgidas durante o percurso de trabalho, dentre muitos outros acontecimentos que serão observados, registrados e analisados, podem ser retomadas e/ou redefinidas para dar continuidade ao trabalho (Ostetto, 2000, p. 183).

A partir de um planejamento pautado em eixos temáticos, selecionamos histórias

infantis relacionadas a animais e comidas, propondo, além da contação, brincadeiras e interações relacionadas com o tema. Durante todas as contações foi fundamental dar liberdade para as crianças expressarem seus sentimentos, inquietações e suas diversas formas de agir diante do brincar. Vale ressaltar que tais aspectos foram observados com muita atenção e serviram de pontos de reflexão para a compreensão dos gestos, gostos e das muitas expressões apresentadas pelas crianças.

Compreendemos, assim, que a observação e a escuta atentas nos levam, como professoras, a acolher cada opinião, a refletir sobre os significados das vozes e dos gestos das crianças, e que, ao ouvi-las, podemos perceber caminhos apontados para seguirmos juntas, potencializando processos e propiciando um espaço maior de trocas, interações e aprendizagens (Ostetto, 2018, p. 118).

Ao adentrar na temática “comidas”, foi selecionado o livro “O caso do Bolinho”, escrito por Tatiana Belinky. Durante a contação de histórias as universitárias participantes do projeto fizeram algumas interrogações às crianças sobre seus gostos e preferências, no entanto também tiveram determinadas intervenções que partiram das próprias crianças, enquanto ouviam algum trecho do livro. Assim, destacamos participação de uma das crianças,

Quando chega na parte em que um dos animais tentar comer o bolinho, é realizada uma pergunta:

- Será que o (animal) vai conseguir comer o bolinho?

Então a criança responde:

- Ele não pode comer esse bolo, se não ele vai morrer e virar carne assada.

No momento de suspense para descobrir o que aconteceu com o bolinho a criança fala eufórica:

- Vira a página!

Para descobrir se o animal conseguiu comer o bolinho ou não (Diário de bordo, 2024).

Ainda discutindo o tema “comidas”, foi sugerido brincar de fazer uma receita, as crianças demonstraram grande empolgação, porém, surgiram alguns conflitos, pois todas queriam colocar os ingredientes ao mesmo tempo, a solução encontrada foi medir e deixar cada um despejar um pouco em um recipiente maior onde a receita estava sendo preparada. Então conversamos e explicamos que seria um de cada vez e que todos iriam colocar, então eles entenderam e cada um colocou um pouquinho.

Antes de colocarmos o chocolate, perguntamos a eles, qual sabor eles achavam que teria o bolo, a criança respondeu:

— De fubá! Sabia que uma vez eu já comi um bolo de fubá? É gostoso.

Universitária indagou novamente:

— Tem uma coisa que a professora vai usar para dar sabor ao bolo, o que será que é?

Então outra criança prontamente colocou o dedo na massa e levou até a boca para provar dizendo:

— Então deixa eu savorar! (Diário de bordo, 2024).

Em uma brincadeira “simples”, as crianças tiveram a oportunidade de aprender a compartilhar, pois todas dividiram o mesmo medidor. Além disso, foi possível trabalhar

a paciência, já que era necessário esperar a vez do colega para, então, despejar um pouco no recipiente. Também foi trabalhado indiretamente sobre quantidade, pois, se uma criança colocasse muito, as outras ficariam sem ter o que colocar. Nas primeiras rodadas, uma das participantes do projeto ajudou as crianças para que não colocassem em excesso, mas, ao longo da atividade, elas já passaram a dosar a quantidade correta por conta própria.

Estas interações evidenciam o quanto as crianças participam, questionam, refletem, criam, pesquisam, ousam e relacionam o que está sendo proposto com as suas múltiplas formas de ver e estar presentes no mundo e assim, vão se desenvolvendo de forma lúdica, participativa e contribuindo também para a formação das universitárias em questão.

Paulo Freire (1996), em *Pedagogia da Autonomia*, discute sobre a importância de uma educação que respeite as necessidades e o contexto dos educandos. Freire (1996) sugere que ensinar é um ato de respeito e diálogo com o aprendiz, ressaltando que o educador deve estar sempre atento ao contexto em que as crianças estão inseridas e deixa explícito que "[...] ensinar exige respeito aos saberes dos educandos" (Freire, 1996, p.16).

Neste diálogo com Freire (1996) ressaltamos a importância de um planejamento flexível e baseado no diálogo com as experiências das crianças, considerando seus interesses e vivências cotidianas. O que também implica na formação de um professor como pesquisador ativo de sua prática, que está atento às interações entre as crianças e aberto para ajustar seu planejamento de acordo com as observações do cotidiano e o respaldo constante em uma reflexão e aprofundamento teórico.

As crianças produzem o conceito de mundo resignificando tudo ao seu redor para atribuir sentido às suas experiências através do brincar. E essas formas de expressão, frequentemente são vistas como simples brincadeiras pelos adultos e não como algo significativo. E é nessa circunstância que Gandini (2016, p. 21) cita Malaguzzi, destacando que “A criança é feita de cem, de cem linguagens”, e são essas linguagens que constroem significados para o mundo. O brincar, se expressar, a poesia, as vivências, narrativas e as danças que, muitas vezes são estímulos ínfimos na visão dos adultos e se tornaram supérfluos e sem sentido, porém no contexto social e cultural das crianças é a lente que traz a visão verdadeira e com sentido ao mundo, com memórias afetivas e sentimentos que se auto explicam com uma risada, um abraço, um olhar, a vontade de brincar novamente, ou por meio do “conta outra vez”!

É por isso que propiciar devaneios às crianças, envolvê-las na linguagem poética, estimular suas fantasias, favorecer seus assombros e suas paixões, alenta o conhecimento e a compreensão da vida, amplia as alegrias e as esperanças (Gobbi, 2014, p. 70).

O brincar também desempenha um papel fundamental na formulação de um planejamento pedagógico flexível e coerente. Arce (2014) sublinha a importância da ludicidade como instrumento de desenvolvimento integral, afirmando que “a ludicidade é o principal instrumento para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças de 0 a 5 anos” (Vercelli, 2014, p.235). Incorporar atividades lúdicas no planejamento não apenas permite que as crianças explorem suas habilidades de forma natural, mas também facilita o ajuste do planejamento de acordo com o envolvimento das crianças. O professor pode, assim, modificar as atividades com base na resposta das crianças, garantindo que o brincar seja sempre uma experiência significativa e relevante para o desenvolvimento infantil.

Diante de uma nova proposta de planejamento a ser desenvolvido na

Brinquedoteca, mas desta vez seguindo temática sobre “os animais”, foi escolhido o livro “E o dente ainda dói”, de Ana Terra. Ao finalizar a contação da história as crianças expressaram um sentimento de insatisfação com esse livro, eles se expressaram a partir de diversas falas, ao serem questionados se gostaram da história, eles responderam:

- Não gostei de nenhum animal!
- Não gostei de nada! (Diário de bordo, 2024).

O fato de as crianças não gostarem da história foi interessante, pois pela primeira vez eles demonstraram esse sentimento diante de algum livro e ao dialogar com as autoras Almeida; Almeida, Carvalho e Lima (2017) percebemos um ponto muito importante de reflexão das nossas práticas no ato de contar histórias, pois de acordo com o livro escolhido, queremos estabelecer exatamente determinadas morais e éticas apresentadas, sem dar a possibilidade para criança pensar de outras formas, e as crianças nos mostraram exatamente isso.

Após nossa conversa sobre o livro, mediamos uma brincadeira de “caça ao filhote”, com o intuito de as crianças encontrarem tampinhas de garrafa para realizar uma mágica com uma garrafa de água ao agitarem, deixando-as coloridas. Elas brincaram com muita empolgação procurando os animais junto com as tampinhas, aguardando pela mágica que aconteceria no final, sendo assim, todos encontraram os animais e chegou o momento mais aguardado por eles. Ao balançar a garrafa de água, as cores apareceram de uma forma bem sutil, não muito satisfeitos com o tom das cores, eles quiseram colocar mais tintas, visto que as mesmas estavam disponíveis na mesa. Foram adicionando mais cores, realizando mistura de cores, divertindo-se com as garrafas e analisando aquelas cores diversas, assim conseguiram fazer uma relação daquela água colorida, com bebidas presentes no cotidiano, essas assimilações ficaram expressas quando:

Uma criança colocou uma tinta marrom escuro, porém ao ver uma colega colocando tinta branca na garrafa, quis colocar também e modificou sua água para um marrom claro, e uma das universitárias questionou: “O que isso parece? A criança respondeu: chocolate quente!” (Diário de bordo, 2024).

Outra criança decidiu misturar as cores amarelo, preto e branco que acabou deixando a coloração verde claro, uma das universitárias viu aquela mistura e disse que parecia vitamina, porém uma das crianças disse: “Eca, eu prefiro com chocolate” (Diário de bordo, 2024).

De acordo com Santos (2012) podemos explicar a importância desse planejamento ser aberto e receptivo, permitindo que o educador observe e registre as falas e ações das crianças e utilize essas falas para organizar as dinâmicas e atividades que converse com a vivência dessas crianças.

Gobbi (2014) destaca que essa participação ativa promove a criatividade e autonomia, o professor assumindo esse papel de mediador e facilitador, ajustando as estratégias conforme as falas das crianças forma um espaço educativo que respeita o direito das crianças de ser elas mesmas e potencializa a forma que elas enxergam e constroem essa visão de mundo.

A prática pedagógica baseada nas necessidades das crianças envolve também uma escuta atenta e um olhar sensível para o que as crianças comunicam em suas interações e brincadeiras, Segundo Renata Meirelles em sua entrevista “A Importância do Brincar”, “a criança está em constante mudança, ela não é previsível; por isso, o professor precisa estar aberto a observar e adaptar seu planejamento” (Meirelles, 2019).

Essa perspectiva aponta para a necessidade de os educadores estarem atentos ao que emerge das crianças, ajustando suas práticas pedagógicas em tempo real, de forma que o planejamento atenda aos interesses e às demandas que surgem no decorrer do processo educativo. Dessa maneira, o planejamento deixa de ser um documento rígido e se transforma em um guia flexível, capaz de ser revisto e atualizado conforme o desenvolvimento das crianças.

Considerações Finais

Diante de nossas reflexões, consideramos essencial que o educador adote uma postura investigativa e reflexiva, utilizando o planejamento como um instrumento que pode ser ajustado de acordo com as necessidades das crianças. Como sugerem Fochi (2015) e Freire (1996), o planejamento deve ser flexível e adaptável, promovendo uma prática pedagógica que reconheça as crianças como protagonistas de seu processo de aprendizagem. Esse tipo de planejamento não apenas facilita o desenvolvimento cognitivo e motor, mas também cria um ambiente inclusivo de aprendizagem, onde as crianças são respeitadas em suas individualidades e necessidades, juntamente com os interesses que são levados em consideração ao longo de todo o processo educativo. Dessa forma, as práticas pedagógicas ao prezar por tais singularidades potencializam não só a aprendizagem das crianças, como dos professores que fazem parte deste processo, sendo respaldados pelo deleite de aprender, partilhar e desenvolver-se.

Referências

ALMEIDA, Valquíria Dias de et al. A importância da literatura infantil para a formação e o desenvolvimento do senso crítico das crianças. **Seminário Nacional e Seminário Internacional Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional**, v. 6, n. 6, p 3817-3828, 2017.

ARCE, Alessandra (Org.). **O trabalho pedagógico com crianças de até três anos**. Campinas, SP: Papirus, 2014.

BELINKY, Tatiana; BRASIL, Bruna Assis. **O caso do bolinho**. Moderna, 2017.

DALLABONA, Sandra Regina; MENDES, Sueli Maria Schmitt. O lúdico na educação infantil: jogar, brincar, uma forma de educar. **Revista de Divulgação Técnico-Científica do ICPG**, 2004.

DIÁRIO DE BORDO. **Histórias, brincadeiras e narrativas infantis**. Campo Grande, 2024.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (Orgs.). **As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2016

FOCHI, Paulo. **Planejar para tornar visível a intenção educativa**. Porto Alegre: Penso, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOBBI, Marcia Aparecida; PINAZZA, Mônica Appezzato (Orgs.). **Infância e suas linguagens**. Campinas: Papirus, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática** (Livro eletrônico). São Paulo: Cortez, 2017.

MEIRELLES, Renata. **A importância do brincar**. Entrevista concedida a Severino Antonio. 2019.

OSTETTO, Luciana Esmeralda (org). **Encontros e encantamentos na educação infantil**: partilhando experiências de estágios. São Paulo: Papirus, 2000.

OSTETTO, Luciana Esmeralda (org). **Registros na educação infantil**: pesquisa e prática pedagógica [Livro eletrônico]. São Paulo: Papirus, 2018.

SANTOS, Elba Pereira dos. **Pedagogia da escuta**: a participação das crianças no planejamento. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

VERCELLI, L. C. A. **O trabalho pedagógico com crianças de até três anos**. EccoS – Rev. Cient., São Paulo, n. 35, p. 234-239, set./dez. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/EccoS.n35.5331>.